

Apresentação

Uma sinfonia de alteridades

Multiplicidade de pontos de vista, vislumbres, alguns ecos, rosário de experiências e ideias, eis que trazemos, com grata satisfação, a SOLETRAS *on line*, que representa o nosso esforço em aliar tradição e continuidade, mudança e permanência.

Uma década de existência alimentada pela perseverança e trabalho do professor José Pereira, recebemos a *Revista Soletras* por ocasião de sua aposentadoria; e nada mais justo do que este novo número contemplar uma homenagem a quem tanto se dedicou para a manutenção deste periódico. Valeu e continua valendo, Professor!

Que a *Revista Soletras* seja, cada vez mais, a expressão – originária do Departamento de Letras – mas desenvolvida na polifonia que constitui a Faculdade de Formação de Professores da Uerj, em São Gonçalo. Pretendemos que se estenda do município para o mundo, para reforçar o fértil princípio de produção e circulação de saberes. Trazemos aqui, então, o n. 23 da SOLETRAS.

O Dossiê se abre com a reflexão teórica de Maria Antonieta Jordão de Oliveira Borba sobre a Teoria da Interpretação, com ênfase no pensamento da desconstrução; concentra-se especialmente nas obras de Jacques Derrida e Michel Foucault, no momento em que, na década de 70, no Brasil, Silviano Santiago ressignifica a filosofia dos desconstrucionistas. Para Jordão, Silviano Santiago se apropria dos conceitos de Derrida e Foucault para, antropofagicamente, rearticulá-los no campo de saber da literatura brasileira, mostrando como sua paradoxalidade poderia iluminar o observatório do crítico, realocado pela noção de “entre-lugar”.

Da década de 70 às pioneiras ideias de Hal Forster, de 1994, o artigo de Karl Erik Schøllhammer investiga as apostas da ficção brasileira contemporânea, nas obras de Cecilia Giannetti, Michel Laub e João Anzanello Carrascoza, dentre outros autores, tendo como hipótese de trabalho a noção de *presentificação*, traço que entende como um paradigma da crítica da literatura brasileira da contemporaneidade, esta entendida na esteira de Agamben. Nos três escritores escolhidos, Schøllhammer alia precisão e amplitude. Parte da figura do trauma como “ficção psicanalítica preferida”, em que “o incidente traumático pessoal” remete “metonimicamente ao trauma da história”, para compreender de que modo “se justifica a

necessidade de reconstrução da identidade individual numa identidade mais ampla, histórica, que o escritor trata de recuperar como um aspecto essencial na compreensão de suas narrativas”.

Diante das multifacetadas leituras na contemporaneidade, a obra de Clarice Lispector sempre se oferece ao pensamento teórico como desafio, e essas provocações estruturam a delicadeza do trabalho de Eliana Yunes, leitura em filigrana que problematiza o sempre inquieto narrador clariceano, sujeito clandestino, à espreita, conforme a autora nos ensina. Essa busca da compreensão do sujeito também estimula a sensibilidade de Douglas Rodrigues da Conceição a pensar a obra de Adélia Prado sob o ponto de vista da relação entre o eu-poético feminino adiliano sob o crivo das relações entre religião e literatura, buscando uma espécie de ressignificação da obra poética da mineira. Como Yunes, é nas brechas deste mistério que une ser e pensar, escrever e sentir, espaço/tempo em que a escrita de si promove fraturas e suturas, que ambos os artigos transitam e se propõem a compreender e questionar.

No espírito que anima os signos da contemporaneidade, em sua pletera de possibilidades de leituras, Luiz Antonio Garcia Diniz aborda exemplarmente a obra de Hélio Oiticica, analisando os aspectos polissêmicos e as ambiguidades de sua obra que, oriunda do campo das artes plásticas, expande suas possibilidades transgressoras para o terreno do texto linguístico, no qual o diálogo com Roland Barthes é essencial para compreender o fenômeno fotográfico e o campo das artes visuais. Para nossa publicação, a questão que encerra o artigo é deveras emblemática e, de certa forma, sublinha certo viés das interrogações que o dossiê “leituras na contemporaneidade” suscita: “se não há mais referentes, aquém ou além dos simulacros e simulações, o que restará na nossa sociedade contemporânea, além de um discurso contínuo articulado por signos?”.

Cultura, história, memória e política, neste universo de signos, são conceitos-chave para se compreender as relações entre as modalidades de arte e de campos de saber aqui reunidos. Ana Ribas nos remete aos chamados Anos JK para pensarmos, com ela, o problema da constituição, afirmação e conservação da memória da personagem-síntese daquele período, o presidente Juscelino Kubitschek. Com seu trabalho, encontramos caminhos de compreensão das estratégias discursivas que rondam as formas de reflexão do mundo, e que não se localizam apenas no chamado texto literário, ao contrário, conforme nosso conhecido Roland Barthes, fazem das disciplinas diversas, como, no caso, a História, elementos pressuposto pela *mathesis*, *mimesis* e pela *semiosis*. Daí que a leitura acurada da historiadora, num gesto dessacralizador e ético, se vale do gênero biográfico para estimular o diálogo crítico com a própria ficcionalidade,

mostrando que o romance da “vida real”, encarnado pelo emblemático JK, encena discursos que ultrapassam sua configuração histórica.

Encerra o dossiê o trabalho de Maria Tereza Carneiro Lemos, um ‘passeio’ quase literal pelo corpo da cidade do Rio de Janeiro da *Belle Époque*. A cidade, lida por um olhar pedestre que por ela transita, atenta e criticamente, revela-se palco de construções de memória, de discursos modernizadores cujo impacto se refletem, ainda hoje, nas tensões entre nações periféricas no jogo da globalização.

Com o Dossiê, esperamos mostrar que o pensamento crítico, nos diversos campos de saber ou em função da orientação metodológica que acolha, encontra na contemporaneidade um vasto, inesgotável manancial de leituras, em cujas fontes, sejam elas literárias, sejam de outras nascentes, bebemos e brindamos.

Na seção de Estudos Literários, Larissa Moreira Fidalgo e seu orientador Paulo César Oliveira discutem a sempre conturbada noção de pós-modernidade. De passagem, apresentam uma leitura da obra *Nove noites*, de Bernardo Carvalho, com a qual pretendem interrogar as tensas relações entre os discursos ficcional e histórico. Também é o período contemporâneo o que anima Rodrigo Cascardo a pensar a insistência do que chama de certo “amadorismo singular”, que atua também em um espaço de tensões, provocadoras e críticas, cujo traçado o autor desenha e percorre, de Oswald de Andrade ao português Gonçalo M. Tavares. Articulando a análise crítica do presente a um tempo passado, desta vez, o efervescente século XIX romântico, no Brasil, o artigo de Ana Cristina Coutinho Viegas parte das crônicas de Joaquim Manuel de Macedo para compreender o processo de institucionalização do ensino de literatura no Brasil, em que o conhecido Colégio Pedro II, no Rio de Janeiro é um palco privilegiado dessas rearticulações.

Fecham a seção os artigos de Sandra Souza e Solange Santana. O primeiro texto trata da escritora brasileira Patrícia Melo e visa a mostrar de que forma sua obra desestabiliza noções dicotômicas acerca do sujeito, apontando a ficção contemporânea como cenário privilegiado para essas discussões. Já no segundo trabalho, o teatrólogo português Bernardo Santareno e o brasileiro Néelson Rodrigues são analisados comparativamente pela autora, que questiona os modos com que as configurações homoeróticas masculinas se apresentam em ambos os autores, a requerer abordagens que denunciem as estratégias de controle e interdição do sujeito homoerótico,

cuja condição é vista, ora como pecado, por meio das religiões, ora como patologia, por meio de outros condicionamentos sociais e senso comum.

Na seção de Estudos Linguísticos, a escrita clara e densa de Denise Salim abre a discussão com a questão da variação linguística nos textos literários, considerando as especificidades geográficas, sociais e culturais do falante, com análises e exemplos que inclusive privilegiam textos literários, como *O Guarani*, de José de Alencar. O trabalho de Thiago Santos da Silva, que com o de Salim completa esta seção, estuda a configuração da reportagem de revista como gênero discursivo. Seu excuro passa pelo conceito geral de gênero, em particular, e do gênero reportagem, mais especificamente, para verificar, em três reportagens da versão *on-line* da Revista *Istoé*, como sua hipótese de trabalho pode ser estendida à sala de aula; pretende, conforme requerem os *Parâmetros Curriculares Nacionais* (PCNs), colaborar com os mestres no ensino de Língua Portuguesa, a partir das noções de gêneros textuais e discursivos.

A seção de Ensino apresenta quatro artigos. Concerto a quatro mãos, a reflexão de Maria Lúcia de Abrantes Fortuna e Helena Amaral da Fontoura parte da discussão da relação entre literatura e educação para tanger metodologia mais adequada ao entendimento e ao estudo do texto literário. Escrita sensível e empenhada, o artigo traz olhares voltados aos processos formativos. Com Márcia Lisboa, o leitor discutirá a questão da resistência à teoria, a partir da obra de Paul de Man, com a qual a autora traça perfis de professores de literatura, criticando a clássica dicotomia entre o estudo intrínseco e o estudo extrínseco do texto literário. Já Gianine Maria de Souza Pierro analisa, a partir de consistente experiência pedagógica, a importância do estudo das produções literárias do gênero ficção científica em sala de aula para a construção de interações entre pesquisa, reflexão e formação. Completa a seção o artigo de Odiombar Rodrigues, que investiga, “com pleno conhecimento de causa”, a relação entre literatura e educação por meio de dois posicionamentos: os de professores de literatura, que a veem como “valioso instrumento de formação crítica do aluno” e os de pedagogos, que “a veem como repertório de texto”.

A revista se completa com a palavra de nosso homenageado, professor José Pereira, que traz uma análise minuciosa sobre o Método em Filologia, mapeando as relações intrínsecas entre o método histórico e a história da linguística românica.

Aos que colaboraram para a realização deste número, articulistas, avaliadores, conselheiros pela confiança; à Direção da FFP, Professor Manoel Santana e Rogério Novaes, pelo incentivo; à

aluna Karina de Souza Flor, pelo trabalho voluntário; ao Departamento de Extensão da Uerj (DEPEXT), à Rede Sirius e a Comuns, pelo suporte na editoração eletrônica. A todos, o nosso agradecimento.

Esperamos que cada letra e cada voz dessa pequena partitura – sinfonia de alteridades – que ora lhes trazemos diante dos olhos, possa, nos caminhos da leitura, (de) compor e expandir raios de sentidos como o sol que se apresenta a cada dia ao observador atento.

Maria Cristina Cardoso Ribas e Paulo César de Oliveira